

Alto! Só tomate limpo

Num supermercado dos EUA, ler a etiqueta “Fair Food” (“alimento limpo”) anexada a um tomate, pode garantir ao cliente que o produto foi cultivado e colhido em condições agrónomicas insuperáveis.

Mas o anúncio pretende ir além da “boa saúde” do fruto vermelho. Segundo os desejos da Aliança dos Trabalhadores de Immokalee (CIW), organização surgida na mencionada região da Florida, da qual sai 90 por cento de todo o tomate de inverno dos EUA, a etiqueta procurará fazer saber ao consumidor que as circunstâncias em que vivem e trabalham as 30.000 pessoas que recolhem o vegetal seguem padrões dignos, uma realidade que, até há muito pouco tempo, era bastante remota.

“Tempos atrás”, recorda o “The New York Times”, os capatazes costumavam intimidar e gritar com os trabalhadores, ordenando-lhes o enchimento dos seus cestos de 15 quilogramas sempre cada vez mais rapidamente (...). Durante décadas, estes campos tiveram a reputação de contar com as piores condições. Muitos operários imigrantes tinham de trabalhar sem fazer pausa, até sob temperaturas de 35 graus, e algumas mulheres queixavam-se de que os capatazes as assediavam e lhes exigiam ter relações sexuais em troca de lhes ser mantido o emprego”.

Os testemunhos de trabalhadores que foram vítimas de atropelos abundam na *web* da CIW. O cenário tinha tais contornos, que o legislador Bernie Sanders, após uma visita a Immokalee em 2008, declarou numa audiência do Senado, que “a norma é o desastre, e o extremo é a escravatura”.

Agora, todavia, os campos de Immokalee são chamados “os melhores dos EUA”, depois de uma metamorfose na qual pesou tanto o impulso dos trabalhadores, como a pressão das grandes empresas de comercialização, que se negaram a colocar nas suas prateleiras tomates cultivados a preços humilhantes.

“Durante mais de 50 anos, a Burger King foi um orgulhoso cliente e apoio da indústria do tomate na Florida. Não obstante, se esta pretende ser sustentável por muito tempo, tem de ser mais socialmente responsável. (...) Reconhecemos que quem faz o trabalho da recolha do tomate necessita de

melhores salários, melhores condições laborais, e respeito pelo trabalho que realiza. E estamos desejosos de trabalhar com a CIW para alcançar estas melhorias. Encorajamos outros compradores e produtores de tomate do estado da Florida, a envolverem-se no diálogo com a CIW, apoiando uma mais ampla transformação social da indústria”.

Palavras de John Chidsey, alto executivo da Burger King, que foi imitado por muitos outros, pois a CIW abriu progressivamente caminho para concretizar o denominado Fair Food Program, um acordo estabelecido em 2010 com produtores e comercializadores. Desta maneira, igualmente a McDonald’s e a Yum Brands – proprietária da Taco Bell, da Pizza Hut e da KFC – viram-se convocadas pelos trabalhadores para pressionar os produtores a melhorarem as condições nos campos. E embora uma rede de supermercados (Publix) tenha precisado de uma marcha “dissuasora” por parte dos apanhadores de tomate, acabou por se juntar.

Outros, como a Walmart — a maior cadeia retalhista dos EUA e do mundo —, assumiram o compromisso sem qualquer pressão, encorajados em oferecer aos seus clientes alimentos produzidos de modo ético: “Procuramos vender alimentos seguros, acessíveis, de fontes sustentáveis, e esse é o único modo em como os vamos querer no futuro”, disseram fontes da empresa.

A decisão destas empresas é deixar de fora como fornecedores os que não respeitem os direitos dos trabalhadores, vigiar para que os seus padrões de vida e trabalho cumpram parâmetros dignos, e aplicar o mesmo padrão de seleção a produtores de tomate em estados como Geórgia e Carolina do Sul, o mesmo acontecendo com os cultivadores de morango e maçã no Michigan e em Washington.

Tendo em conta esta determinação, vários empresários produtores assinaram um acordo com a CIW. A Pacific Tomato Growers foi a primeira empresa que rubricou o Fair Food Program, em outubro de 2010, à qual se seguiu a Lipman Produce, a maior empresa de tomate da Florida. Assim, pouco a pouco, foram-se juntando outros produtores, convencidos de que a cada vez maior avidez dos norte-americanos em consumir alimentos “do quintal”, apanhados por trabalhadores bem remunerados, colocará o “estado do Sol” numa situação de vantagem competitiva perante, por exemplo, o México,

onde a vida e condições laborais dos apanhadores dos produtos hortícolas deixam bastante a desejar.

Nos campos de tomate de Immokalee respiram-se outros ares. Já não se ouvem ameaças verbais. Os incentivos ao trabalho são outros: um mecanismo pelo qual as empresas comercializadoras pagam a cada apanhador um centavo a mais por cada quilo de tomate – todas as semanas o trabalhador ganha por esta via uns 60 ou 80 dólares sobre o salário –, insere-se entre muitas outras melhorias. Mas nem sempre o tema é o dinheiro.

“O aumento é positivo, mas para mim, o mais importante é o respeito”, afirma um operário, citado na *web* da CIW. “Mais importante do que o dinheiro”, afirma outro, a quem foi devolvido o pagamento retido pelo seu antigo empregador, “é o sentido da dignidade, quando o meu trabalho – os custos que encho e carrego – é reconhecido”.

Immokalee, que foi chamada há dez anos pelo Departamento da Justiça a “zona zero da escravatura moderna”, deixou de ser um problema. Desde a assinatura do acordo em 2010, o Fair Food Program garantiu um maior contacto entre inspetores e trabalhadores, que agora podem realmente manifestar as suas queixas com liberdade.

As medidas atuais estão orientadas para evitar qualquer indício de retrocesso. Assim, pessoas que foram culpadas de abusos contra os apanhadores no passado, não podem ser admitidas de forma alguma em nenhum posto laboral no setor. Os trabalhadores contam com uma linha telefónica para queixas, operacional 24 horas por dia, e foi dada formação a outros operários para que os esclareçam em matéria de direitos laborais.

As palavras “descanso” e “conforto” já não são conceitos abstratos para os trabalhadores, desde que as empresas produtoras tiveram de instalar barracas com as condições elementares para que eles façam um necessário *break* e se refugiem do açoitamento do sol da Florida, tão desejado pelos banhistas das praias próximas, como detestado pelos que apanham dobrados as colheitas dos campos.

Nenhuma conquista é irreversível, e o Fair Food Program não está isento de ameaças. Denunciou-o a CIW, advertindo para tentativas de certos grupos de vincular o programa a ideias antissistema.

Segundo a CIW, as pistas levam ao denominado Worker Center Watch, uma organização empenhada em desacreditar o trabalho dos ativistas de Immokalee e relacionada com a Câmara de Comércio dos EUA, instância que, na opinião da CIW, é “manifestamente ideológica e antioperária, e que gosta das relações entre empresários e operários como um jogo de soma zero: Um ganho dos trabalhadores implica necessariamente uma perda para os empresários, sem importarem as circunstâncias”.

Alguns grupos de interesses da Câmara veem com maus olhos a consolidação destas organizações de operários do

campo, por receio de que sirvam de exemplo. Mas é de perguntar se lhes será proveitoso tentar travar isso, numa altura em que os consumidores se interrogam, como nunca antes, sobre a origem dos seus alimentos, insistindo no aspeto do impacto ambiental – a preocupação pela quantidade de metano que expele uma vaca, tira o sono a muitos ecologistas –, e também nas condições laborais dos que os produziram - e há mais um exemplo de boicote noutras indústrias, como a têxtil.

Seguramente, nos campos vermelhos de Immokalee, ninguém lhes agradecerá o empenho.

A. R.

Cameron, um inesperado testemunho religioso

O primeiro-ministro britânico David Cameron causou polémica ao elogiar em duas ocasiões a contribuição do cristianismo para a sociedade britânica. Numa carta publicada no “Telegraph”, mais de cinquenta personalidades da Grã-Bretanha – quase todas ateias – responderam-lhe dizendo que o governo se deveria abster de elogiar o trabalho de uma determinada confissão para não ofender ninguém. Mas a sua ideia de uma sociedade plural, na qual o relativismo é apresentado como uma garantia para a convivência, não é neutral.

Em 9 de abril, teve lugar no número 10 da Downing Street, a receção anual a líderes religiosos e representantes de organizações de beneficência aquando da Semana Santa. No seu discurso, Cameron afirmou que se sentia orgulhoso de pertencer a um país cristão e de ser ele próprio cristão (é membro da Igreja Anglicana).

A clareza com que Cameron falou, foi uma autêntica surpresa para o público britânico, que o viu atuar com ambiguidade em debates sensíveis como o do casamento homossexual. Mas a surpresa ainda foi superior quando, depois das primeiras críticas ao seu discurso, o astuto primeiro-ministro decidiu molhar-se ainda mais.

“Alguns consideram que nestes tempos tão secularizados, não deveríamos falar sobre estes assuntos. Não estou de acordo”, escreveu uma semana depois na revista anglicana “Church Times” (16.4.2014). “Penso que deveríamos estar mais orgulhosos do caráter cristão do nosso país; ser mais ambiciosos sobre o papel de maior amplitude que podem ter as organizações confessionais; e dar a conhecer mais uma fé

que nos impele a abrir-nos, de modo a marcar a diferença na vida dos outros”.

Para Cameron, afirmar a identidade cristã de uma sociedade não implica qualquer desprezo para com as outras confissões religiosas. “Muitos dizem-me que é mais fácil ser judeu ou muçulmano na Grã-Bretanha do que num país secularizado, precisamente porque a tolerância que o cristianismo solicita à nossa sociedade também concede um maior espaço para as outras confissões religiosas”.

Cameron reconhece que não é muito praticante e que às vezes tem “ideias um pouco confusas sobre alguns dos pontos mais complicados da fé”. Mas isso não o impediu de reconhecer “a contribuição fundamental que é dada pelas organizações de inspiração religiosa à sociedade britânica”.

Daí que ao governo britânico pareça justo destinar 20 milhões de libras para contribuir no restauro das grandes catedrais do país; e outros 8 milhões de libras para um programa (“Near Neighbours”) que promove o conhecimento mútuo entre pessoas de diversas confissões religiosas e as ajuda a desenvolver iniciativas sociais para melhorar os seus bairros. Aqui termina o “confessionalismo” do governo britânico, que não é tão chocante num país com uma Igreja estabelecida de forma oficial.

Mas para os 56 subscritores da carta (“David Cameron fosters division by calling Britain a ‘Christian country’”, publicada no “Telegraph”; 20.4.2014) – com destaque para os romancistas Ken Follet, Philip Pullman e Terry Pratchett, o filósofo A.C. Grayling ou o ativista Peter Tatchell, todos eles ateus – é incómodo que o primeiro-ministro tenha elogiado com tanta clareza o cristianismo.

Assim o explica o impulsionador da carta, Jim Al-Khalili, presidente da Associação Humanista Britânica: “Os políticos têm vindo há anos a dizer que o nosso país é um país cristão. Mas isto não é apenas inexato: também é inoportuno numa época em que precisa-mos construir uma forte identidade partilhada numa sociedade cada vez mais plural e numa sociedade que já não é religiosa”.

Sobre a “inexatidão” de Cameron é de recordar que a maioria dos britânicos continua a reconhecer-se como cristã, embora agora menos do que há uma década: segundo o censo de 2011, a percentagem da população que se declara cristã em Inglaterra e País de Gales, passou de 72% em 2001, para 59%. Mas mesmo se os cristãos viessem a ser minoria no futuro, é mais exato reconhecer as raízes cristãs da Grã-Bretanha do que as ateias.

Relativamente à “inoportunidade” do primeiro-ministro, os subscritores adotam uma perspectiva claramente tendenciosa: dão por adquirido que afirmar a identidade cristã do país é um obstáculo à convivência, pois no fundo – pensam – só é possível o pluralismo numa sociedade fortemente relativista, onde nenhuma crença tem direito a levantar a sua voz acima das outras... Uma só identidade e, se possível, relativista e atea.

Afirma a carta: “Embora seja correto reconhecer a contribuição que deram muitos cristãos à ação social, é incorreto tentar destacar as suas contribuições quando são igualadas por britânicos de outras crenças. Isto alimenta desnecessariamente os debates sectários que tão afastados se encontram da vida da maioria dos britânicos (...)”.

Mas os britânicos de outras confissões religiosas certamente se sentem mais incomodados com a campanha dos “autocarros ateus” organizada em 2008 pela Associação Humanista Britânica – na qual figuram como simpatizantes de honra quase todos os subscritores da carta – do que com as declarações de Cameron.

Na sequência desta polémica, a jornalista muçulmana da BBC, Shaimaa Khalil, declarou na rádio que a maioria dos muçulmanos na Grã-Bretanha reconhece sem problemas tratar-se de um país cristão e que eles apreciam a liberdade de culto que têm nas terras britânicas.

A até há pouco tempo, ministra para a Fé e as Comunidades, Sayeeda Warsi, primeira mulher muçulmana num governo britânico, tão-pouco considera que as raízes cristãs da Grã-Bretanha sejam uma ameaça para a sua identidade religiosa. Explicou-o num discurso (“An international response to a global crisis”) que pronunciou o ano passado na Universidade de Georgetown, a favor da liberdade religiosa no mundo: “Aceitar e coexistir com outro credo não nos torna menos muçulmanos, cristãos, judeus ou hindus (...). O facto de ter crescido num país de maioria cristã [nasceu no Paquistão, mas foi criada na Grã-Bretanha], fez com que sentisse de modo mais firme a minha fé”.

Pelo contrário, Warsi considera sim um problema, o facto de alguns não tolerarem que outros tenham uma identidade diferente da sua: “Existem inúmeros exemplos de perseguição do ‘outro’ para proteger a identidade própria. Por que motivo os nazis queriam exterminar os judeus? Em parte, porque receavam que contaminassem a sua pureza, a sua identidade ariana. Por que motivo os regimes comunistas combateram a religião? Porque queriam eliminar todas as lealdades em conflito e anular qualquer oposição ideológica. E por que motivo vemos hoje que nos países de maioria muçulmana os extremistas atacam as minorias? Porque consideram que rejeitar os outros reforça e robustece a sua identidade islâmica”.

J. M.

“Regra de Silêncio”

“The company you keep”

Realizador: Robert Redford

Atores: Shia LaBeouf, Julie Christie

Duração: 121 min.

Ano: 2012

Um advogado bem-sucedido, já viúvo com uma filha adolescente, vê de repente toda a sua vida posta em causa. Uma antiga colega sua de há 30 anos atrás é presa pelo FBI, devido aos crimes cometidos quando ambos faziam parte de um grupo radical dos anos 70 contra a guerra do Vietname. Ela decidira entregar-se. Lutara por causas que considerara nobres, mas matara gente inocente. Agora quer acertar contas com a sua consciência e defender esses ideais por meios legítimos. No entanto, o seu gesto vai afetar os restantes membros do grupo, alguns dos quais sem culpa nos assassinios. Todos eles vivem bem e com as vidas refeitas. Uns preferem ignorar o que se passa, mas este advogado quer explicar tudo e provar a inocência de alguns, como é o seu caso. Para isso, precisa do testemunho dos outros colegas... no entanto, nem todos estão dispostos a colaborar e a remexer no passado.

Um jornalista resolve investigar melhor este caso. Por sua vez, também a polícia dá início às pesquisas e se lança em busca dos vários elementos do grupo. O advogado sabe que tem de atuar depressa e também ele tenta contactar e convencer os antigos colegas a intervirem. O cerco aperta-se. Decide então agir com firmeza. Traça um plano. Confronta os amigos com a realidade do que acontecera e descreve-lhes a atual situação. Continuar a viver uma “farsa” é insuportável. Tenta esclarecer como seria “libertador” desvendar tudo e não serem “apanhados” a medo. Mostra-lhes no que se transformara a vida de todos, na falsidade de viver atrás de uma fachada. Explica-lhes como se pode recomeçar e... consegue!

Tópicos de análise:

1. Analisar as circunstâncias é útil pois dá pistas sobre as decisões a tomar.
2. Ultrapassar um imprevisto estimula a descoberta da solução mais correta.
3. Assumir os erros e enfrentá-los com firmeza é reparador e libertador.

Hiperligação para o filme:

<http://www.imdb.com/title/tt1381404/>

Paulo Miguel Martins

Professor da AESE

